

No Rio, um terço dos empresários vai demitir

Pesquisa da Price mostra abalo na confiança. Mas avaliação é que crise será menos intensa no estado que no resto do país

Luciana Rodrigues e Bruno Rosa

• A crise internacional abalou a confiança dos empresários fluminenses em relação às perspectivas para a economia brasileira, mas, pelo menos em setores chaves para o Estado do Rio, prevalece a avaliação de que, aqui, o tombo na atividade econômica não será tão intenso como no restante do país. Essas são as principais conclusões da 5ª Sondagem Empresarial "A força do Estado do Rio de Janeiro", da PriceWaterhouseCoopers (PwC), com apoio do GLOBO, e do encontro "Economia em Debate", realizado na terça-feira passada.

Por um lado, os empresários consultados na pesquisa pretendem demitir (um em cada três afirmou que vai reduzir seu quadro de pessoal) e terão que reduzir ou cancelar investimentos (resposta dada por mais da metade). A crise foi tão intensa que 23,3% chegaram a dizer que suspenderiam projetos já em andamento. Mas, ao mesmo tempo, nomes de peso da indústria e do varejo fluminense veem o Estado do Rio já em recuperação:

— Foi impressionante a velocidade com que a nossa indústria tomou decisões de cortar turnos e reduzir a produção a partir de 15 de setembro do ano passado — lembrou Paulo Simões, presidente da Abolição Veículos, no debate realizado no GLOBO. — Mas, agora, nosso volume de vendas já voltou ao nível pré-setembro.

O freio brusco provocado pela crise a partir de setembro foi captado pela pesquisa da Price, que ouviu 30 empresas entre dezembro e fevereiro. O otimismo, tônica da sondagem anterior da Price, deu vez ao pessimismo e à muita incerteza.

— Há uma inversão em relação à 4ª Sondagem. Em cinco anos, nunca vi guinada tão forte nas expectativas — disse João César Lima, diretor da Price.

"É covardia imensa no Rio falar em crise", diz Pezão

Na 4ª Sondagem, mais da metade (56,4%) dos empresários achavam que 2008 seria melhor do que 2007. No último levantamento, 73,4% responderam que 2009 será pior que 2008.

Mas, pelo menos em alguns setores, a crise serviu como um "freio de arrumação".

— Depois de um longo inverno, a construção civil se recuperou em 2007 e teve um 2008 glorioso. Vou cometer o sacrilégio de dizer que a crise foi até boa, porque estava faltando mão-de-obra e matéria-prima — afirmou o diretor-presidente da Concremat, Mauro Viegas Filho.

— Se o presidente Lula estivesse aqui (no Rio), aí é que iria falar que é "marolinha". É uma covardia imensa no Rio falar em crise — completou o vice-governador, Luiz Fernando Pezão, lembrando que as obras do PAC no estado estão a pleno vapor, empregando mais de cinco mil trabalhadores — O Lula quer segundo turno onde não tem e quer que coloque terceiro onde já está no segundo turno, como no Alemão e em Mangueiras.

Os empresários lembraram que, além do PAC, há indústrias no Estado do Rio cujos investimentos não serão afetados pela crise. Presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP), João Carlos de Luca destacou que, com o pré-sal, a Petrobras

aumentou em 55% seu programa de investimentos. Em 2008, o plano era investir US\$ 112 bilhões em cinco anos. No planejamento divulgado este ano, esse volume saltou para US\$ 174 bilhões entre 2009 e 2013.

— Outras empresas do setor também estão capitalizadas e planejando investir — disse De Luca, que reclama, porém, que o governo precisa retomar as licitações para blocos de petróleo no mar, mesmo fora da área de pré-sal, suspensas desde 2007.

— A renúncia (fiscal) do governo com a redução de IPI é de R\$ 11,791 bilhões. Numa licitação de áreas atrativas, dá para levantar esses recursos.

Perguntado se a queda no preço do petróleo não afetaria os investimentos do setor, De Luca garantiu que o pré-sal é viável mesmo com as cotações no atual patamar. A queda do petróleo também não preocupa Pezão. Quando De Luca lembrou, no debate, que o Rio perderia *royalties*, Pezão retrucou:

— Joaquim Levy (secretário de Fazenda) é um piloto de trem fantasma arrumado para assustar a gente. Aposto que vamos cumprir nosso orçamento.

Pezão garantiu que o dinamismo do Rio é tão grande que, em certas ocasiões, é difícil até atender às demandas de empresas que querem se instalar aqui. Segundo o vice-governador, seis mineradoras de Minas

Gerais procuraram terrenos próximos ao Porto de Itaguaí e não havia espaço disponível. ■

O GLOBO NA INTERNET

OPINIÃO Você acha que o Rio é menos afetado pela crise?

oglobo.com.br/economia

O GLOBO NA INTERNET

ÁUDIO João César Lima, diretor da Price Waterhouse Coopers comenta a pesquisa

oglobo.com.br/economia